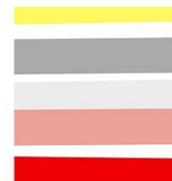




AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



UMA CONVERSA SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO DE LÍNGUAS
COM A PROFESSORA DENISE LINO DE ARAÚJO

Prof. Me. José Veranildo Lopes da Costa Junior
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
jveranildo@hotmail.com



APRESENTAÇÃO

Ao colaborar com o dossiê sobre *Ensino-Aprendizagem de Línguas Adicionais* da *Afluente: Revista de Letras e Linguística*, da Universidade Federal do Maranhão, propus aos editores-colaboradores desse número uma interlocução com a Profa. Dra. Denise Lino de Araújo. De modo pessoal, esta entrevista é um desafio para a minha produção bibliográfica, pois tenho a tarefa de conversar com uma professora-pesquisadora que se destaca pela produção acadêmica na grande área dos estudos sobre Linguagem e Educação e é, além do mais, uma referência constante nas minhas leituras na referida área de pesquisa.

O meu primeiro contato com a produção de Denise Lino aconteceu ainda na graduação, quando pude participar de uma conferência proferida por ela, em 2012, na ocasião da comemoração do dia dos professores. Em 2016, no curso de Mestrado em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, tive o prazer de ser seu aluno numa disciplina sobre formação docente. Desde então, tenho dialogado com as reflexões da Professora Denise nas minhas pesquisas e no meu próprio agir docente.

Em seu tão conhecido *A educação na cidade* (1991, p. 32), Paulo Freire dizia que “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador” e conclui o raciocínio com as seguintes palavras: “A gente se faz educador, a gente se forma educador, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.

Considerando, portanto, que a formação de professores envolve um duplo movimento de formação e de reflexão sobre o agir docente, penso que a produção

UMA CONVERSA SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO DE LÍNGUAS COM A PROFESSORA
DENISE LINO DE ARAÚJO

Afluente, UFMA/Campus III, v.3, n. 9, p. 144-148, set./dez. 2018 ISSN 2525-3441

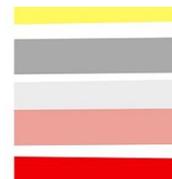
bibliográfica e as pesquisas conduzidas por Denise Lino de Araújo dialogam com os dizeres de Paulo Freire. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Docente Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Design e Docente da Graduação em Letras da Universidade Federal de Campina Grande, com Pós-Doutorado e Doutorado em Educação, Mestrado em Linguística Aplicada e Graduação em Letras, a atuação e a formação indisciplinar de Araújo se inscrevem na grande área dos estudos sobre Linguagem e Educação, estabelecendo um profícuo diálogo entre ensino de línguas e formação docente. Em outras palavras, a linha de pesquisa da Professora Denise contribui com o que Paulo Freire, em 1991, sustentava: o encontro entre teoria e prática e, em nosso contexto, entre língua e educação.

Como leitor, julgo que a pesquisa de Denise Lino de Araújo tem uma preocupação fundamental: a promoção de práticas de ensino de qualidade. Como aluno, trago comigo as lições sobre a importância de nos constituirmos como professores e pesquisadores, com o objetivo de melhorar o ensino de línguas nos diversos contextos em que estamos inseridos.

A ponto de concluir essa rápida apresentação, informo que as discussões que sustentam a nossa entrevista tangem os estudos sobre formação docente e ensino de língua. Sem mais delongas, iniciamos a entrevista:

1. **Revista Afluente:** Denise, ao longo desses anos atuando como professora e pesquisadora, quais são as lições aprendidas com o contato diário com a sala de aula?

Entrevistada: São inúmeras lições. Talvez a mais importante ou pelo menos a que tem me influenciado recorrentemente é da observação do ritmo da turma. Isto significa prestar atenção aos alunos: se eles estão aquém ou além de mim, se há dissonâncias entre eles, se alguns estão mais a frente dos outros, seja na graduação ou pós-graduação. E, a partir disso, (re)planejar a disciplina e (re)pactuar o contrato didático com a turma para que possamos chegar a um produto final. Este é fruto de outra lição, precisamos levar a turma a elaborar um produto final, seja um artigo coletivo, um glossário (já fiz alguns), uma exposição. Percebo que os jovens se interessam mais a partir da definição de um produto, que não é exatamente um trabalho, às vezes até uso como tal também, mas um produto coletivo. Essas lições me levaram recentemente a (re)planejar uma mesma disciplina 4 vezes ao longo de um período letivo. Isso é muito porque me deu a sensação de instabilidade, mas era uma turma que exigia assim. De modo geral, começo a disciplina sem plano. Faço uma primeira aula para tentar aproximar



horizontes, defino um texto inicial e aos poucos vamos nos aproximando. Em geral são dois planejamentos.

- 2. Revista Afluente:** Professora Denise, quais são as principais mudanças que a senhora enxerga acerca da formação de professores no Brasil? Quais os principais avanços ocorridos no panorama de formação docente em nosso país?

Entrevistada: Sobre esse assunto normalmente tem-se um olhar pessimista, mas eu vejo avanços. Hoje, temos muitos mais cursos de graduação do que há trinta anos atrás e, sobretudo, programas de Pós-graduação: *latu e stricto sensu*. Destaco aqui o Profletras, que é um avanço para a nossa área. É preciso reconhecer que nem todo professor quer ser ou tem habilidade para ser pesquisador porque tem outros interesses e habilidades, mas de forma geral há um interesse para formação continuada e em serviço e, programas como esse atendem muito bem a essa demanda. Outros programas como PIBID e agora a residência pedagógica são exemplos de melhorias significativas na formação docente. Esses dois últimos tanto apoiam a docência quanto o professor já em atuação.

- 3. Revista Afluente:** O que precisamos avançar? O que pode melhorar na formação de professores no Brasil?

Entrevistada: Em educação, precisamos melhorar muito e melhorar sempre. Creio que precisamos ampliar o Profletras em ação semelhante ao que se fez anos atrás quando passou-se a não mais admitir o exercício da docência sem a qualificação a nível superior, ou seja a licenciatura. Creio que devemos pensar num programa para os próximos 10 anos que coloque todos os professores do Brasil em cursos como os mestrados profissionalizantes e, em paralelo, para subsidiar os docentes em formação colocaríamos os licenciandos como seus auxiliares em sala de aula, a exemplo do PIBID e da Formação Docente. Assim, teríamos formação nas duas pontas do processo: na formação e no exercício da docência.

- 4. Revista Afluente:** E sobre o ensino de línguas, quais foram os principais avanços? Quais são as principais políticas linguísticas para o ensino de línguas no Brasil?

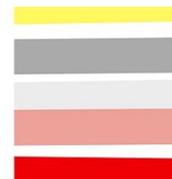
Entrevistada: Acho que não sou a melhor pessoa para responder sobre esse tema, dado que sempre atuei na área de ensino de língua materna, mas como estamos todos na grande área de linguagens, observo que recuamos quando só temos como opção oficial o ensino de inglês. Lamento muito que não tenhamos no ENEM a opção de francês ou japonês, por exemplo. Línguas estrangeiras fazem falta na escola. O contato com elas não apenas amplia o horizonte cultural, como faz pensar sobre a própria língua materna.

- 5. Revista Afluente:** E o que precisamos melhorar?

Entrevistada: Continuando o que disse na resposta anterior, precisamos ampliar a oferta de línguas estrangeiras, tendo outras opções além do inglês e conjuntamente com ele. Além disso, no campo do ensino de línguas,



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



precisávamos, num país, como o Brasil, ter em sala de aula línguas indígenas também, por que, hoje, são línguas estrangeiras no país e não sabemos nada sobre elas.

6. **Revista Afluente:** Professora, parte da sua pesquisa se inscreve na área de estudos sobre Linguagem e Ensino. Qual a importância desses estudos para a educação básica em nosso país?

Entrevistada: Sem querer puxar a sardinha para nossa lata ou nos colocar sob os holofotes, diria que esta é uma área de estudos prioritária para se pensar a educação no Brasil. Todo o ensino se faz através de linguagens, hoje com grande destaque para as multimedias. Analisar como colocamos em linguagens um dado conceitual, como os alunos compreendem e como mobilizam linguagens para se expressar e para relacionar o que aprendem na escola com o que aprendem fora dela é de fundamental importância para pensar o ensino. Ademais, precisamos lembrar que cada área de conhecimento tem sua linguagem, assim, estudar as conexões dessas linguagens como o ensino é igualmente importante.

7. **Revista Afluente:** O projeto *ENEM na palma na mão*, idealizado e coordenado pela senhora, parece-me um ótimo exemplo de práticas inovadoras de ensino de línguas. Em que consiste esse projeto? Como foi a recepção dos alunos de Estágio ao se depararem com esse projeto?

Entrevistada: O Projeto consiste num conjunto de vídeo aulas. O objetivo era tirar licenciandos da zona de conforto do estágio em escolas e apresentar uma situação real: vídeo aulas. O *Youtube* está cheio delas, os colégios com seus sites e portais também. A ideia foi colocar licenciandos frente a câmeras e gravar vídeo aulas em função de temas do ENEM que na época era um dos objetos que eu estudava e estava lidando com estagiários que deveriam atuar no ensino médio. Inicialmente, a reação foi de que era impossível, mas imediatamente foi de que deveríamos tentar. Assim, entusiasmados, produzimos 13 vídeo aulas e 4 módulos impressos que reúnem todo o material. Tivemos um conjunto de fatores positivos: estagiários motivados, equipe técnica engajada, apoio da UFCG. Não sei se seria possível repetir aquela experiência com tantos fatores positivos. O saldo já se mostra nas publicações sobre o tema. Entre elas uma dissertação que analisa o processo de formação docente ali implicado.

8. **Revista Afluente:** Professora é inquestionável o fato de que hoje a sua produção bibliográfica tem se constituído como referência nos estudos sobre Linguagem e Educação. Tenho certeza também que a sala de aula é um local de aprendizagem tanto para os alunos quanto para os professores. O livro *Enunciado de atividades e tarefas escolares* (2017), publicado pela Parábola Editorial, de sua autoria, é resultado da sua experiência em sala de aula? O que podemos aprender com essa obra?

Entrevistada: Esse foi um livro que escrevi ao longo do tempo e nem me dei conta. Constitui-se de capítulos inicialmente usados nas turmas de Prática de



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

Ensino, antiga forma de denominar os atuais estágios. Eu percebia a dificuldade dos licenciandos em elaborar atividades, então, fazia aulas expositivas para ensinar, recolhia exemplos, depois fui escrevendo textos didáticos que, posteriormente, comecei a circular com os alunos e mais tarde as turmas já trocavam entre si. Depois, uma amiga (Samelly Xavier) me chamou atenção certa vez de que o livro estava pronto, precisava apenas de um acabamento. E foi assim que as aulas tomaram corpo num livro. Quando dei ao material esse formato, minha expectativa era levar ao licenciando e ao Professor orientações que permitissem (re)escrever enunciados de atividades com a finalidade de torná-las mais didáticas para os aprendizes de ensino fundamental e médio, por que mesmo em concurso nos deparamos com questões mal elaboradas que influenciam a compreensão do candidato.

9. **Revista Afluente:** Em 2012, na UFCG, a senhora proferiu uma palestra na ocasião do Colóquio Nacional 15 de Outubro. Para finalizar a nossa entrevista, quais as razões para ser professor (de português) hoje?

Entrevistada: Continuo tendo muitas razões e várias delas para apresentar aos jovens. Uma delas é que essa é uma profissão que lida com gente em contatos que não são tópicos, são contatos de pelo menos um período letivo (100 dias) e é muito bom do ponto de vista intrapessoal ter experiências interpessoais, elas nos enriquecem, nos tornam mais humanos. Outra é que essa uma profissão que lida com o saber acumulado pela humanidade e no nosso caso, na área de linguagens, lidamos como tudo o que diz respeito à interação, seja através do impresso, do oral, do multisemiótico, do gestual, etc. Isso é simplesmente fascinante, pelo menos para mim. Além disso, essa é e será ainda durante um bom tempo (talvez por mais de uma geração) uma profissão do Estado com carreiras de Estado, isto dá à profissão a qualidade de ter empregabilidade. Todavia, precisamos lutar por essa profissão, para demonstrar que seu fazer é quase artesanal, no sentido de que cada turma é uma turma, que requer uma dedicação específica, o tal do contrato, elaborado ao longo de um tempo, por isso, entre outras razões, um mesmo professor não pode ministrar aulas em tantas turmas.

Revista Afluente: Denise, agradecemos a sua disponibilidade que possibilitou essa entrevista e o seu compromisso com a educação pública, de qualidade e para todos.

Entrevistada: Gostaria de concluir agradecendo à Revista Afluente a oportunidade de expor aqui algumas das minhas ideias. Espero que os leitores tenham encontrado motivos para algumas reflexões sobre a Profissão.

Aeroporto de Salvador, 24/09/2018.